



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7634 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

### A CONSTITUIÇÃO DE UM IMPORTANTE LÓCUS PEDAGÓGICO EM SERGIPE: O CASO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA

Nayara Alves de Oliveira - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Neste estudo, foi selecionado como objeto de análise a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), a qual representa à primeira instituição de formação pedagógica em nível superior no Estado. O trabalho foi delimitado temporalmente entre 1950 e 1968, por serem estes os anos que marcaram a criação da Faculdade e sua incorporação a Universidade Federal de Sergipe. Em se tratando de um trabalho de pesquisa histórica, a instituição foi analisada mediante procedimentos metodológicos envolvendo a análise documental e a análise bibliográfica, ambas ancoradas nos pressupostos da Nova História Cultural. Diante da análise, foi possível compreender que a FCFS apresentou um baixo número de alunos matriculados nos cursos oferecidos pela unidade e dificuldades financeiras para a sua manutenção durante os 17 anos de funcionamento. No entanto, formou uma importante elite intelectual para o campo do magistério sergipano.

**Palavras-chave:** História da Educação, Ensino Superior, Faculdade de Filosofia, Sergipe.

O primeiro núcleo de formação pedagógica em nível superior no Estado de Sergipe foi atribuído a uma Faculdade de Filosofia. Essa unidade foi batizada com o nome de Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), devido a sua íntima ligação com os clérigos da Arquidiocese de Aracaju[1].

O envolvimento com a Diocese foi estabelecido a partir de um acordo entre o governador José Rollemberg Leite (1947-1951) e o bispo Dom Fernando Gomes[2], no qual o Governo garantia uma subvenção anual de cem mil cruzeiros (Cr\$ 100.000,00) e a Diocese se responsabilizava pela criação e funcionamento da faculdade. De acordo com Fortes Neto (1991),

A Faculdade de Filosofia surgiu, inicialmente, por proposta do Prof. Felte Bezerra. Não podendo o Estado assumir responsabilmente o empreendimento e verificando o empenho e o entusiasmo de Dom Fernando Gomes e do Pe. Luciano Cabral Duarte, que constituíram uma entidade específica, conseguiu o Governador José Leite da Assembleia

Legislativa a aprovação de projeto que possibilitava recursos para a existência, funcionamento e continuidade da então Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FORTES NETO, 1991, p. 16).

Ao aceitar o compromisso, Dom Fernando Gomes concedeu ao padre Luciano José Cabral Duarte[3] a responsabilidade de organizar todo o procedimento de criação da FCFS. Ao receber a notícia de que seria o responsável pela criação da unidade de ensino, o padre Luciano Duarte viajou até Recife para conhecer a Faculdade Católica de Filosofia de Pernambuco. Logo após apreciar o método administrativo e pedagógico da instituição pernambucana, produziu e encaminhou o projeto da criação da FCFS à Diretoria do Ensino Superior do MEC, então a cargo do Dr. Jurandi Lodi, que o conduziu ao Conselho Nacional de Educação. Para Lima (1993),

A certeza de tal aprovação por parte do Governo Federal era tão evidente que já se veiculava a preparação de um curso pré-vestibular gratuito para fevereiro de 1951, com o possível mês de março para a realização da seleção. O programa do concurso vestibular, inclusive, já estava pronto e poderia ser encontrado no Seminário Diocesano com o Pe. Luciano Duarte. As inscrições para o mesmo também já estavam abertas e as exigências eram, entre outras, o curso ginásial completo (dois ciclos) ou o curso normal também completo (LIMA, 1993, p. 79-80).

Foi com muita expectativa que durante os meses de dezembro de 1950 a janeiro de 1951, os sergipanos aguardavam a publicação no Diário Oficial da União o decreto presidencial que autorizava “oficialmente” a criação da FCFS. A fundação ocorreu em 20 de setembro de 1950, pela entidade mantenedora Sociedade Sergipana de Cultura, mas o funcionamento dos cursos ainda não havia sido aprovado pelo Governo Federal.

O esperado Decreto nº. 29.311, do Governo Federal, foi finalmente publicado no Diário Oficial da República no dia 2 de março de 1951 e datava de 28 de fevereiro desse mesmo ano. O documento, assinado pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro da Educação e Saúde Pública Simões Filho, autorizava a abertura de cinco cursos[4]: Geografia e História[5], Pedagogia, Filosofia, Letras Anglo Germânicas e Matemática.

A instituição superior começou a funcionar provisoriamente em 12 de março de 1951 no prédio emprestado do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, localizado em Aracaju, sob a licença da Ordem das Irmãs Sacramentinas[6], só passando a ter sede própria em 30 de março de 1959. Esse colégio pode ser visualizado através da figura 01.

Figura 01: Pátio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: Museu do Homem Sergipano/UFS.

Durante o período de criação e instalação, a maior dificuldade enfrentada pelo primeiro diretor da FCFS, padre Luciano Duarte, diz respeito ao aspecto financeiro. De acordo com relatos da professora Maria Thétis Nunes, verificou-se que:

Difícilimos foram os primeiros anos de funcionamento da FAFI. De acordo com a própria Thétis, “alguns professores foram abandonando as cátedras, minguavam os alunos. Permaneceu, porém, um grupo de abnegados e idealistas animados pelo otimismo de seu diretor; que nele acreditava, e nos acenava com a esperança de dias melhores”. Salvaram-na o idealismo e o desprendimento dos professores Gonçalo Rollemberg Leite, Felte Bezerra, Garcia Moreno, Maria Thétis Nunes, Frei Edgard Stanikowski, Fernando Porto, Luiz Rabelo Leite, José Silvério Leite Fontes, Manuel Cabral Machado, José Rollemberg Leite, sob a condução corajosa e obstinada do padre (depois arcebispo) D. Luciano José Cabral Duarte. Enaltecendo a dedicação e reconhecendo os sacrifícios de alguns em prol da sobrevivência da FAFI, ele teria, certa feita, desabafado: “Triste Faculdade Católica de Filosofia se não fossem os ateus” (SANTOS, 1999, p. 128).

Outra dificuldade enfrentada pelo padre estava relacionada ao pequeno número de candidatos que tinham interesse em cursar as graduações referentes ao magistério, pois, devido à precária remuneração dos professores na época, os jovens não se sentiam estimulados para ingressar nessa carreira. Como podemos verificar, mediante estudos de Nunes Mendonça (1958):

[...] Quase nada se tem feito para atrair ao magistério candidatos interessados e portadores dos requisitos indispensáveis ao respectivo desempenho, bem como para facilitar a tôdas as camadas da população, principalmente aos jovens do interior, a formação pedagógica [...] O ideal das moças sergipanas, residentes na Capital ou provenientes da classe média nas cidades do interior, não é mais o magistério. As suas aspirações voltam-se para os cargos federais e autárquicos, hoje acessíveis a todos mediante habilitação em concurso, e para as profissões mais bem remuneradas (NUNES MENDONÇA, 1958, p. 158).

Segundo Nunes (2008), a localização da FCFS no centro da cidade (nas proximidades do mercado Thales Ferraz) e o funcionamento dos cursos no período noturno também contribuíram para essa baixa demanda. É importante lembrar que a FCFS só funcionava durante a noite, em virtude das atividades desenvolvidas pelo Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, no período diurno, no mesmo prédio.

Em 30 de junho de 1959, a Sociedade Sergipana de Cultura criou o Ginásio de Aplicação da faculdade. No mesmo ano, a FCFS inaugurou sua sede própria (conforme figura 02) onde permaneceu funcionando até seu desmembramento em 1968.

Figura 02 - Padre Luciano José Cabral Duarte em frente ao prédio da FCFS em 1959.



Fonte: Instituto Dom Luciano Duarte (IDLD).

No ano posterior, o Ginásio de Aplicação passou a funcionar, visando ser ele um campo de estágio dos alunos dos cursos de licenciaturas da Faculdade Católica de Filosofia. Segundo Santos (2003, p 58), muitos desses alunos das licenciaturas também atuavam como professores dos ginásios instalados durante a Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos em Sergipe. A constituição do corpo docente e a direção desses ginásios, criados durante a campanha, motivaram uma disputa entre os alunos da Faculdade de Direito e os alunos da FCFS. Após muitas divergências, o corpo docente passou a ser constituído prioritariamente por estudantes da Faculdade de Filosofia.

É importante lembrar que a FCFS possuía um importante veículo de divulgação e propaganda. O jornal “A Cruzada”, o qual também tinha na sua direção o padre Luciano Duarte, disseminava por todo o Estado anúncios a respeito da faculdade. Esse órgão da imprensa foi significativo no processo de criação, instalação e consolidação da citada unidade escolar.

Segundo Sales (2005), o jornal católico foi criado e utilizado ao longo dos anos como instrumento de difusão e legitimação do discurso católico, sendo elemento fundador e consolidador de práticas sociais concernentes ao discurso romanizador emanado da Diocese de Aracaju, de modelagem da sociedade.

No início da década de 60 do século XX, iniciou-se um movimento a favor da criação de uma universidade em Sergipe. Esta campanha fortaleceu-se após o II Seminário Estadual de Reforma Universitária realizado no município de Santo Amaro das Brotas, ainda em 1963. Nessa ocasião, foi lançada a Declaração de Santo Amaro das Brotas, documento elaborado pelos estudantes e publicado na imprensa local, no qual abordaram alguns pontos referentes ao modelo universitário almejado, entre eles o regime jurídico[7] de fundação federal.

Essas propostas, publicadas na declaração de Santo Amaro das Brotas em 1963, não ocorreram de forma consensual, mas sim através de muitas discussões que dividiam duas opiniões. A primeira orientada pelo monsenhor Luciano Duarte, que defendia o modelo de fundação federal, e a segunda liderada pelo diretor da Faculdade de Medicina, Antônio Garcia Filho[8], que almejava a Universidade de Sergipe sob o modelo autárquico.

As desavenças lideradas por esses dois grupos ocasionavam agressivas discussões em debates promovidos por estudantes e principalmente em matérias registradas na imprensa local. Os jornais “A Cruzada” e a “Gazeta de Sergipe” se caracterizavam como porta-vozes, respectivamente, desses professores na disputa entre os dois modelos de universidade.

Assim, iniciaram as divergências em torno da criação da Universidade de Sergipe, entre os diferentes agentes do campo acadêmico sergipano, representados por alunos, professores e políticos. Essa desarmonia representava as disputas de poder, as relações de força e a posição social dos agentes diante dos interesses, manifestações e decisões adotadas.

Os principais motivos de discordâncias estavam relacionados à rejeição das faculdades de Direito[9] e de Química[10] em serem incorporadas à universidade e ao regime jurídico que seria adotado. Além disso, os alunos e alguns docentes reivindicavam uma maior participação nas discussões e no processo de elaboração do anteprojeto de Lei de criação da universidade.

Embora houvesse divergências entre alunos, professores e políticos, a Universidade Federal de Sergipe (UFS) foi constituída com o agrupamento das seis faculdades isoladas e o Ginásio de Aplicação, todos localizados na capital: Faculdade de Ciências Econômicas,

Escola de Química, Faculdade Católica de Filosofia, Escola de Serviço Social, Faculdade de Direito e Faculdade de Medicina. As duas primeiras instituições pertenciam à esfera do Governo Estadual, as duas seguintes eram privadas confessionais, e as duas últimas inicialmente particulares, sendo que a Faculdade de Direito foi federalizada em 1960. Como podemos verificar em Oliva (2008):

As faculdades de Ciências Econômicas e de Química, que realmente se concretizaram, iniciaram as atividades a partir de 1950 e a elas viriam somar-se a Faculdade de Direito em 1951 – que depois passaria a alçada do Governo Federal – e as Faculdades de Filosofia e de Serviço Social iniciativas ligadas à Igreja Católica, a primeira instalada em 1951 e a segunda em 1954. Em 1961 foi criada a Faculdade de Medicina, resultado da união de diferentes forças da sociedade que logo intensificaram o movimento em prol da instalação de uma Universidade Federal em Sergipe (OLIVA, 2008, s/p.).

Logo, em 15 de maio de 1968, foi realizada a sessão de instalação da Universidade Federal de Sergipe, com a incorporação das seis faculdades existentes no Estado, dentre elas, a Faculdade Católica de Filosofia. Na oportunidade, seus alunos e o corpo docente também foram incorporados legalmente à nova instituição. Contudo, poucas mudanças ocorreram no cotidiano da faculdade, pois permaneceram no mesmo prédio, com a mesma organização administrativa e práticas pedagógicas.

Logo, durante os seus 17 anos de funcionamento, a FCFS formou professores nas áreas de Matemática, Filosofia, Letras, História e Geografia. Além disso, o curso de Pedagogia passou a funcionar em 1968, no mesmo ano da incorporação de tal faculdade à UFS. Apesar das dificuldades financeiras e o pequeno número de alunos, a FCFS foi a primeira instituição de nível superior a formar uma importante elite intelectual de professores que atuou e contribuiu com o aperfeiçoamento do campo educacional sergipano.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5<sup>a</sup>. ed. Tradução de Sergio Miceli. São Paulo/SP: Perspectiva, 1999.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1.190, de 04 de abril de 1939. Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/> Acesso em 30 jul. 2010.

CONCEIÇÃO, Claudileuza Oliveira da. **A Escola de Química de Sergipe**. São Cristóvão/SE: Núcleo de Pós-graduação em Educação / Universidade Federal de Sergipe, 2010 (Dissertação Mestrado em Educação).

FORTES NETO, José Bonifácio. "José Rollemberg Leite: um estadista". In: **Caderno de Cultura do Estudante – UFS**. Aracaju/SE, Nº. 8, p. 12-20, 1991.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)**. São Cristóvão/SE: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003.

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. **Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)**. São Cristóvão/SE: Núcleo de Pós-Graduação em Educação / Universidade Federal de Sergipe, 2009 (Dissertação de Mestrado em Educação).

NUNES MENDONÇA, José Antonio. **A Educação em Sergipe**. Aracaju/SE: Livraria Regina, 1958.

OLIVA, Terezinha Alves de. 2008: A UFS faz 40 anos. Aracaju/SE, 7 de agosto de 2008. Disponível em: <[http://www.ufs.br/ufs40anos/index\\_artigos.php?id=6](http://www.ufs.br/ufs40anos/index_artigos.php?id=6)> Acesso em 11 ago. 2008.

OLIVEIRA, Iadrelhe Souza de. **A política de federalização das universidades e a constituição histórica da comunidade científica brasileira**. Universidade Federal de Sergipe (1950-1970). São Cristóvão/SE: Departamento de Educação / Universidade Federal de Sergipe / CNPq, 2009 (Relatório de Iniciação Científica).

SANTOS, Maria Nely. **Professora Thétis: Uma vida**. Aracaju/SE: Gráfica Pontual, 1999.

SANTOS, Betizabel Vilar de Jesus. **Luzes e blecautes em cidades adormecidas: A campanha Nacional de Educandários Gratuitos no Cenário Educacional Sergipano (1953-1957)**. São Cristóvão/SE: Editora da UFS, 2003.

SALES, Tatiana Silva. **As falanges da Boa Imprensa: o jornal "A Cruzada" em Sergipe, 1918 a 1969**. São Cristóvão/SE: Departamento de História/Centro de Educação e Ciências Humanas/ Universidade Federal de Sergipe, 2005 (Monografia de Licenciatura em História)

---

[1] Até a década de 40 do século XX a formação para o magistério no Estado de Sergipe era realizada especialmente através do curso Normal pós-primário. O curso superior para essa finalidade somente passou a ser

ministrado após a instalação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe com seus cursos de licenciatura. Segundo

[2] Dom Fernando Gomes ocupou o cargo de [bispo](#) da [Diocese de Penedo](#) (1943-1949), da [Arquidiocese de Aracaju](#) (1949-1957) e, finalmente, da [Arquidiocese de Goiânia](#) (1957-1985), onde ficou até a morte.

[3] Nesse período Dom Fernando Gomes era o Exm.º bispo diocesano de Sergipe, e Luciano José Cabral Duarte era padre. Luciano José Cabral Duarte foi arcebispo emérito de Aracaju. Nomeado arcebispo em 1971, governou a Arquidiocese de Aracaju até o mês de agosto de 1998. Anteriormente, em 1966, já fora designado bispo auxiliar do então arcebispo de Aracaju, Dom José Vicente Távora. Nascido em 1925, ordenou-se sacerdote em 1948. Doutorou-se em Paris, pela Sorbonne, em 1957, obtendo grau máximo. No campo do magistério, Luciano José Cabral Duarte foi o primeiro diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e professor da Escola de Serviço Social. Também foi o principal precursor no processo de criação da Universidade Federal de Sergipe, integrando o Conselho Diretor da Fundação Universidade Federal de Sergipe e tornando-se membro do Conselho Federal e Nacional de Educação.

[4] Em 1952 e 1954 foram autorizados respectivamente o funcionamento dos cursos de Letras Neo-latinas (Decreto nº. 30.697/52) e o de Didática (Decreto nº. 34.961/54).

[5] O curso de Geografia e História constituía uma única disciplina até o ano de 1963. No ano seguinte, os cursos de Geografia e História ganharam autonomia assegurada em novo Regimento Interno da FCFS.

[6] A congregação religiosa das Irmãs Sacramentinas era responsável pelo Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

[7] No que diz respeito à natureza jurídica, foi possível esclarecer que as duas posições demonstravam benefícios e malefícios para a futura universidade. A autarquia, por exemplo, proporcionava cargos bem remunerados e estabilidade profissional do corpo docente (a qual funcionaria como cátedras), além disso, recebia investimentos exclusivamente do Governo Federal e mantinha uma centralização a ele através do MEC. Em contrapartida, a fundação podia cobrar anuidades escolares, receber subvenções das entidades públicas e privadas e funcionaria com professores e técnicos administrativos contratados, podendo existir uma circulação constante de profissionais.

[8] Na Faculdade de Medicina, a posição de Antônio Garcia Filho provocou várias críticas, devido às opiniões divergentes entre seu diretor e os membros da entidade mantenedora da faculdade, os quais não compartilhavam a mesma opinião e defendiam uma universidade fundacional.

[9] Os professores da Faculdade de Direito temiam que a instituição de ensino superior perdesse parte dos recursos destinados a ela, para dividir com as outras faculdades isoladas. Além disso, alguns docentes não concordavam com a natureza jurídica de fundação por acreditarem que haveria desvantagens no processo de incorporação, pois na unidade havia professores-fundadores catedráticos, e no caso da fundação não haveria vínculo efetivo, pois a estabilidade seria assegurada pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

[10] No que diz respeito à Escola de Química, foi possível observar que os professores discrepavam de diversos itens presentes no anteprojeto de Lei da criação. Segundo Conceição (2010, p.115), “as discordâncias foram muitas, a exemplo da transformação da Escola de Química em Instituto de Química [...]” Além disso, assim como nas Faculdades de Direito, existia certo receio dos professores catedráticos com relação à estabilidade profissional no interior da UFS.